

NO CALVÁRIO DA LUZ

Deixa que a Dor te rasgue o peito, ao grito
Da angústia extrema que te prende e enluta !
O buril que lacera a pedra bruta
Guarda o poder tirânico e bendito.

Infortunado, miserô, proscrito,
Segue, de pés sangrando, sob a luta,
De fronte iluminada e face enxuta,
Prelibando a grandeza do Infinito...

Avança à frente, moribundo embora,
Cultivando a bondade que aprimora,
De alma oprimida a soluçar, de rastros...

Louva o crisol da desventura humana
Que a Vida Pura reina, soberana,
No roteiro mirífico dos astros.

CRUZ E SOUZA

PÁGINA DO ALÉM

Quando a Morte reclama nossa vida
E a carne se retrai desfalecente,
Raro aquêle que, em lágrimas, não sente
A desventura da ilusão perdida.

Aquí, chora a amargura indefinida
Do tempo renovado, inútilmente...
Além, grita a revolta impenitente
Na dor de tôda falta cometida.

Oh ! vós, que desfrutais o corpo amigo,
Não repousais no sacrossanto abrigo !
Plantai com Cristo o Amor que não se engana.

Crecei no bem, guardando a fé robusta !
No sepulcro, há resposta clara e justa
A sementeira da existência humana.

JOÃO COUTINHO